



GABRIELA

GABRIELLE MILENA BIANCO BRASCHI^{1*}

Minha vida até ali eram apenas tons de cinza, e eu nunca havia conhecido nada e nem ninguém que irradiasse tantas cores. Eu nunca tinha conhecido o amor. Até eu conhecê-la. Aparentemente, ela não tinha muitos amigos. E assim ela era a única amiga verdadeira que eu já tive.

Eu confesso que era uma stalker. Já havia assumido isso para mim mesma há algum tempo. Mas convenhamos, não penso nisso de uma forma negativa. Afinal, eu estava a salvando de si mesma, fazendo companhia, sendo amiga, mesmo que a distância. Meus sentimentos por ela não morriam, pelo contrário. A cada nova postagem, eles só cresciam, mais e mais.

Estudávamos juntas havia 3 anos, e desde o primeiro momento que pousei meus olhos em seus cabelos dourados, não tive dúvidas que a amaria até o último segundo da minha vida. Ela era a mais bela criatura que eu já tinha encontrado, graciosa de todas as maneiras: a forma simpática com que se portava à todos; a astúcia que tinha ao discordar respeitosamente do professor nas aulas; e até na forma como colocava as mãos ante os finos lábios ao rir. Ela era perfeita para mim, e eu sabia que ela sentia o mesmo, pois era a única que havia me notado naquela selva hostil, aterrada de animais intempestuosos, exalando hormônios por todos os poros, que chamavam de escola.

Naquele dia, ela sorriu para mim no intervalo, quando acidentalmente esbarrei com ela nas escadarias do prédio. Ela se desculpou, sorriu, e continuou caminhando em direção à cantina. Ela era diferente. Sei que nessas mesmas condições, se fosse outro aluno, teriam me desferido comentários como “Olha por onde anda, estranha”, como já haviam feito. Mas ela era divina demais para proferir tais injúrias demagogas.

Então não é como se eu a machucasse só por tentar me aproximar dela depois da aula. Naquele dia, ela estava mais radiante do que de costume, com os loiros cabelos presos em um coque frouxo, e seus olhos azuis resplandecendo a pureza da sua alma angelical, ainda mais realçados pelo batom vermelho. Sua pele bronzeada brilhando sob o sol poente das 18 horas, algo comum aqui na ilha de Florianópolis, nessa época do ano.

Assim, obviamente, fui atrás dela no final do primeiro dia de aula, após o destino ter feito nos encontrarmos,

finalmente. Eu só queria a conhecer melhor, e eu estava otimista que conseguiria chegar mais perto da minha salvação. Eu só queria conhecê-la por dentro, conhecê-la de verdade. Eu só a queria para mim.

Eu já estava fascinada por Gabriela desde o começo do ensino médio, e o primeiro passo foi descobri-la nas redes sociais. Isso não foi muito difícil, pelos seus 10 mil seguidores, quase uma subcelebridade. Comecei a stalkar em todas as suas redes sociais, através de um perfil fake, e já sabia todos seus gostos e hobbies, com todas as suas fotos de livros e citações de poemas que postava. Fotos e mais fotos digitais do seu cachorro, família, amigos, de biquíni na praia do Campeche, ou de mini saia em um show do Dazaranha, viajando e em festas de debutante. Eu sabia que aquilo tudo era falso, uma persona paupérrima e carente de atenção, interpretando com naturalidade a alegoria da adolescente burguesa em mais um artifício cibernético. Eu sabia que havia algo de mais profundo naquela criatura, pois eu a vi de verdade, e identifiquei como sua alma era incompreendida, como a minha. E assim fui ficando cada vez mais encantada com aquele anjo em forma humana. Estava determinada a ser sua melhor amiga. Para mim, curtidas não bastavam para demonstrar meu fascínio e admiração por ela. Fotos pixeladas não eram o suficiente para conter meu desejo. Eu precisava sentir a textura e o calor da sua pele.

Dessa forma, naquela tarde, após nosso encontro, fui arrastada pelo doce aroma de seu perfume, escada acima até a sala do 3º ano, e, assim que cheguei em frente a porta, percebi que ela chorava. Suas delicadas mãos tentavam penosamente conter suas lágrimas, e outras garotas da sua turma, que agora saíam da sala, passavam por ela e a esnobavam. Meu anjo estava sendo vítima de bullying, como tantas vezes eu mesma já tinha sofrido, e eu sabia que era a única que poderia consolá-la naquele momento.

Mas ao chegar perto da sala, percebi que alguém já havia chegado antes de mim. Um garoto alto, de cabelos loiros na altura das orelhas e um piercing na sobrancelha, entrou na sala, e nesse instante eu me escondi atrás de uma pilastra do corredor e os observei. Ele abriu um sorriso ao vê-la e a puxou para seus braços. Ela, fragilizada como estava, aceitou seu abraço. Logo, ele a puxou para o fundo da sala, fechando a porta atrás de si. Evidentemente, fui até a porta observar, pelo conveniente vidro acima da maçaneta, o que se passava lá dentro. Me admirei que eles estavam se abraçando e se acariciando sobre a mesa principal do professor, e senti meu sangue ferver nas veias, e em um impulso volátil quase invado aquela cena terrífica.

Um pensamento assaltou-me: Claramente ela estava sendo vítima de assédio em ambiente escolar, e está em perigo. Ela precisa da minha ajuda, e eu sou a única capaz de protegê-la e afastá-la de quem lhe possa fazer mal. Ela precisa de mim. E antes que possam me criticar, eu confesso, estava cega de amor. Confusa sobre o que poderia fazer, pois não poderia ser impetuosa em entrar na sala e esmurrar o rosto do maconheiro bancado o Don Juan que a confortava ali, isso poderia assustá-la e me fazer correr o risco de ser expulsa. Não, isso só me faria me afastar mais da minha amada. Então, comecei a

^{1*} Graduada em Letras Língua Francesa e bolsista no PIBID do Colégio de Aplicação. Voluntária no PIBIC e pesquisando sobre Fonética. E-mail: Gab.bianco@icloud.com

planejar como poderia me aproximar dela e vigiá-la dali por diante. Subitamente, meu celular começa a vibrar e a Quinta Sinfonia de Beethoven sai estrondosamente dos seus altos falantes, me avisando do horário da medicação psiquiátrica que eu tinha esquecido de tomar naquele dia. Assustada, desliguei o alarme rapidamente e saí do prédio, com um plano se maquinando em minha mente.

Como toda a adolescente na nossa geração, ela postava absolutamente tudo o que fazia e todos os lugares na qual ia. Realmente, eu não esperava que fosse tão fácil assim achar a casa em que morava. Ela havia postado várias fotos numa mesma região em várias ocasiões diferentes, e então deduzi que era lá que morava. Arrastei meus velhos Vans Old School até o estacionamento e subi na minha bicicleta vermelha enferrujada, me encaminhando para o endereço. Reconheci logo de cara ser um dos bairros mais nobres de Florianópolis, e um tanto quanto longe do colégio: Jurerê. Me levaria pelo menos 1 hora pedalando para chegar até lá, mas isso não importava, se fosse para estar com meu amor novamente e a proteger de qualquer homem que a pudesse ferir.

Era revigorante sentir o vento no meu rosto, soprando meus cabelos, ouvindo meus batimentos cardíacos como uma bateria tocada pelo próprio Ringo Starr, e o coração pulsando pelo novo propósito que minha vida havia tomado: minha obsessão por uma garota de 16 anos.

Demorei apenas 30 minutos para chegar ao seu bairro, diante a euforia na qual me encontrava, e não tinha muito tempo até a mesma voltar para casa. Sua casa era uma bela mansão branca, sem grades circundando, com um jardim muito bem cuidado, em uma rua silenciosa e residencial. Não foi difícil achar uma passagem entre os arbustos para me esgueirar e entrar.

Mais fácil ainda foi achar o seu quarto, no primeiro andar, pouco afastado da sala e de frente para o quintal e piscina. Bem arrumado, para uma adolescente, sem pôsteres de bandas estadunidenses genéricas ou peças de roupa jogadas displicentemente pelo chão. Sua prateleira estava cheia de livros de romance adolescente, ao estilo Rainbow Rowell e Colleen Hoover, e meu rosto se contorceu em insatisfação. Eu esperava que ela lesse mais clássicos, mas não havia problema. Eu a ensinaria até os mais belos poemas de Baudelaire em francês, se assim fosse preciso para lapidar aquele diamante bruto que eu sabia existir dentro dela.

Ao lado da cama, uma penteadeira branca e infantil refletia a natureza do meu amor. Nela, havia pouca maquiagem, pois sua beleza era puramente natural, como eu já observara. Sobre, enfileiravam-se alguns porta-retratos, com fotos suas, de sua família e amigos. Todos pareciam felizes e ricos, e naquele momento, minha mente rodopiou em espiral. Eu não a conhecia.

Eu vinha de uma família pobre, e só estudava na mesma escola de Gabriela por ter sido gratificada com uma bolsa. Meus tênis furado e meus óculos riscados provocavam risadas e mais risadas dos nossos colegas de colégio, e já havia pensado em sair e voltar para o colégio público. Mas uma coisa ainda me prendia: Gabriela, essa linda garota loira e rica, que passava as férias em Bariloche, como agora eu me deparava em uma das fotos na penteadeira. Tomei o porta-retrato e alisei seu rosto impresso digitalmente em papel fotográfico por alguns instantes, e me fisguei com uma pontada de ciúmes. Ou seria inveja? Quando levantei os olhos, e me observei no espelho da penteadeira, não vi o usual rosto comum e sardento que eu já estava terrivelmente acostumada. Em meus cabelos

agora se refletiam luzes douradas, meus lábios estavam mais rubros, e meus olhos tão claros quanto o mar. E a constelação que antes percorria minhas maçãs do rosto desaparecera, e, horrorizada com essa miração, me detive em vasculhar o interior da penteadeira.

Vamos, me mostre o que está escondendo, Gabriela. Ora, mas o que está emperrando essa gaveta. Opa, isso é interessante. Deixe só a sua mãe descobrir a sua coleção de lubrificantes e camisinhas com sabor. Abri a primeira gaveta de sua penteadeira, e entre canetas e anotações das aulas, não pude deixar de sorrir ao ver que Gabriela não era tão inocente quanto parecia. Ela até parecia humana agora, e não consegui conter a algúria percorrer-me ao me deparar com tamanha descoberta.

Meus deturpados pensamentos foram interrompidos com o som de alguém girando a chave na fechadura da porta da frente. Rapidamente, fechei a gaveta da penteadeira, e entrei no seu closet, me escondendo enquanto tentava desacelerar a minha respiração e não ser descoberta em seu quarto. Eu sequer poderia imaginar o que faria se a minha paixão me descobrisse naquela situação na qual me encontrava.

Tentando me encaixar dentre as paredes do closet, minhas mãos deslizaram por um material rendado, fino e pequeno, com alças quase imperceptíveis, que logo pensei se tratar de uma antiga máscara que usávamos durante a pandemia. Ao pegá-lo e levá-lo para perto do rosto, aproximando do nariz, percebi ser uma calcinha, e a umidade no seu interior indicava que já havia sido usada. O cheiro logo me deixou excitada, e só de imaginar seu corpo nu, vestindo esse único pedaço de pano, já foi o suficiente para me fazer perder a noção de onde estava e escorregar minha mão para dentro da calça. Meu anjo, Gabriela, não conseguiria imaginar essa cena nem em seus devaneios mais sórdidos, não é mesmo? E se eu deixar alguma marca aqui? Será que irá conseguir identificar que eu, a sua adorada Marina, estive aqui? De repente, a porta do quarto se abriu, e uma Gabriela alterada entrou discutindo com a mãe.

“E tu achas certo estar por aí, te agarrando com esse guri? Um deliquentezinho?” Berrou a mais velha, com as mãos sobre as ancas.

“Não fala assim do Pedro! Sabia que ele foi aprovado em Direito na UFSC? Ele não é um delinquente!” Gabriela gritava no mesmo tom, soltando seus cabelos loiros do coque, se referindo ao maconheiro de cabelos compridos que eu acabara de reconhecer. A cena era digna de um comercial de shampoo, mas me ative ao conteúdo da discussão. Eu já havia visto algumas fotos dos dois, mas não imaginava se tratar de algo tão explicitamente romântico e sexual, como aquela conversa indicava.

“Quando ele se formar, se ele conseguir se formar, aí venha conversar comigo, e se apresentar decentemente!” Sua mãe saiu do quarto pisando forte e batendo à porta atrás de si, enquanto uma Gabriela desolada se sentava na cama, chorando e tampando o rosto com as mãos. Como eu gostaria de poder sair dali e me sentar ao seu lado, beijar seu lindo rosto corado, lamber cada lágrima salgada que escorria pelas suas bochechas, deitar seu rosto em meu colo e lhe dizer que tudo ficaria bem.

Porque eu faria tudo ficar bem.

Gabriela se levantou estupefata, pegou uma toalha que estava jogada no cabideiro, e foi para o banheiro. Alguns instantes depois, o chuveiro foi ligado. Toda a excitação que havia se perdido agora voltará, ao perceber que Gabriela se encontrava nua a poucos metros de mim. Mas

um alarde me fez fugir dos meus devaneios, com Beethoven sinalizando o horário dos medicamentos, novamente. Apreensiva de ter sido escutada, desliguei definitivamente o portátil e o pensamento de que eu precisava sair dali e dar um jeito de voltar para casa para continuar planejando meus próximos passos retornou à minha memória.

Saí do closet na ponta dos pés, abri a janela ainda mais sutilmente, e pulei para fora, torcendo para não fazer barulho ao cair na grama. Não o fiz, e assim corri pela lateral da casa para chegar ao jardim e pegar minha velha bicicleta. Ao pisar na grama do jardim, um pitbull negro virou-se para mim, o olhar breu a comer-me. De onde saiu esse demônio que protege o santuário do meu divino amor? O que eu não faço por ti...

Corri tropeçadamente pelos arbustos, com o pitbull nos meus calcanhares. Finalmente, cheguei à minha bicicleta vermelha e pedalei, porém ainda ansiando ver-te novamente o mais rápido possível, meu amor. Me despeço com um pesar em meu peito, mas satisfeita em ter visto a tua alma tão descarnada. E mesmo que nunca mais fosse possível ver-te, se morresse agora, morreria feliz por ter te estado tão próxima.

E com esse sentimento irradiando do meu peito, sequer sentia meu corpo formigando diante o esforço que demandava às minhas pernas, que pedalavam freneticamente em direção ao anoitecer. Tampouco senti meu corpo retesando diante a batida da BMW preta na lateral do meu rosto, que virava a esquina bem no momento em que eu a atravessava, e meu tímpano inundando com um ruído ensurdecedor, me fazendo cair sobre o pavimento escuro e gélido de inverno. E antes de eu fechar meus olhos e perder a consciência, observava o azul ciano do céu se transformar lentamente em índigo, me lembrando pela última vez dos olhos de Gabriela, e de como ela me olhara pela primeira vez algumas horas antes e como agora eu também tinha me visto. E enquanto admirava o firmamento que recaia sobre mim, percebi enfim qual era a cor do amor.